

PAOLA ZORDAN (ORG.)

SECRET  AÇÕES

1ª Edição

Porto Alegre  
INDEPIn  
2013



## **puro fluxo, manuscrito a partir de uma visão**

Nus agachados são os pistilos de um miolo de girassol sob filtro azul matizado que passa ao lilás e vira rosado até se encarnar quase rubro ao fim. Como dizer aquilo que vive num corpo? O que ruge em sua móvel estrutura? O que rosna por dentro? O que o faz arrepiar por fora? Como cresce o ódio que faz ranger os ossos? Com que carências atinge a palidez e outra falta de vicejo? Areia do deserto, frio cortante, nada que um organismo aguente. Explicam problemas considerando reações moleculares que podem ou não, que podem e um pouco, que não podem determinar, que podem e não podem, que podem introduzir o sucesso de uma relação. Tudo uma questão de hormônios. Pura química. Só a carne, a pele nunca imaculada, pode sentir. Sensações que linguagem alguma consegue exprimir. Acontecimentos, fulgores que a palavra tenta trazer, mas jamais obtendo o mesmo efeito. No feitiço do verso, o sentido escapa. Toda palavra não tem outra razão além de seu próprio fim após o encantamento surtir num estado de coisas. De qualquer modo, a palavra, seja ao que levar, se acaba.

O trabalho, a perfeição, o encadeamento, a manutenção, a limpeza, a encheção de coisas de todo dia, tudo isso e o que mais se passa depois de tantas lágrimas a chorar a dor mesma da Terra. Se o rosto fosse de pedras, nele correria uma cascata. Fruto de convulsões. Espasmos de desespero completo, vazios inadmissíveis e nenhuma amizade. Na solidão mais completa da noite escura de fina lua com neblina densa. Arrancando a orelha para agradar quem mal te ama.

Sem um corpo, com o desconforto de carregar um, na irritação da corrente sanguínea, toda essa necessidade de despacho. Cansaço, andanças, bobagens que julgamos ter de levar. Livrar-se de tudo para seguir ao fundo do abismo. Sob a estabilidade das formações geológicas, a pulsividade da lava. Nas águas geladas sobre as rochas observa-se o balançar da esfera. Na passagem das horas, vemos a mudança do horizonte

e longe disso a terrível possibilidade de sufocamento. Algo pior que a febre ardente de quem agoniza. Menor que a perfuração vagante do abandono. Lâminas que esquartejam o coração fazendo com que o ferido perca direções e não consiga mais agir integralmente, cômico daquilo que faz. Clamando pelo fim, extingue a si mesmo para acabar de uma vez com tudo. Pedindo a morte, essa sombra na paisagem, toda superfície. A ela recorremos porque precisamos de transformações. Nem que para isso tenhamos que regenerar os membros. Ainda que esse processo demande lentificações. Longas esperas. Atirar-se ao destino, embriagar-se de suor, comungar porra. Grande fado, bênção de espuma do mar. Engolir o outro e amá-lo. Absorção de poderes, reverências ao fraco, louvores ao brilho úmido de ruído noturno solto na imensidão. Atravessado por absurdo rol de tarefas e vontade de dormir e ter que evitar distrações e beber menos vinho e fazer todos aqueles exercícios e ler e redigir ordens e lembrar dos requerimentos e observar ofícios e desempenhar folhas e cumprir prazos e mandar tudo a puta que o pariu sem temer ser mal comportado, bruxo, inútil, besta, loco, babaca, idiota, pau no cu. Há definições ontológicas que são apenas adjetivações próprias para denegrir a sagrada importância da sodomização. Obviamente voluntária. Certamente por convicção. Oferecer a entrada (saída, dependendo do ponto de vista) do aparelho digestivo é tal como abrir seu cérebro para quem num corpo se insere. Se as bocetas falam diretamente ao coração, o cu expressa o prazer indescritível do qual é capaz um córtex desenvolvido. Seleções neuronais que um texto, sempre limitado pelas palavras que o circunscrevem e o tendem ao arbitrário, não tem como mostrar. Para entender somente praticando. Com os cuidados e lavagens necessárias. Lembrando do quanto vale a encadernação. O recheio é sempre saboroso. Manjares são deliciosos seres criados especialmente para nos fazer gozar. Toda beleza precisa ser provada. Amor não tem gosto sem doses de adrenalina. Chocolate é uma substância que nos possui. Café garante que continuemos erguidos. Urina é o que produzimos para nos purificar. O que é bom vicia, o que é demais engorda, o que não presta detona mesmo. Uma questão de tratamento de orifícios. Acabada, entregue ao plano, no beijo suave que passa os lábios tentando se inebriar das mínimas partículas a sair de poros invisíveis.

Tempo indo e voltando, parando relógios e acelerando irrigações. Músculos tensionados por inumeráveis posições. Pupilas que se contraem e dilatam. Em cada íris voam mil pássaros sobre o lago abaixo do perfil irregular das construções de uma cidade. Lá onde nasce o disco do entardecer refletido no espelho das águas como pimenta não mordida que insiste na mais tenra imaginação. Nada inocente, abrimos camadas e camadas de cebola. Crocante com creme. Como essas coberturas com canela e conforto. Com neve, com chuva, com ventos, com mofo se espalhando nas paredes, com armários estalantes, com tinta descascada, com descompassos físicos e meio aleijada pelos acidentes do cupido, uma coisa eu afirmo: esperma é a melhor iguaria do mundo. E os líquidos femininos seminais, tão mais raros, a chave da imortalidade. Querer morrer é tentar mais gozo. Sucumbir no oceano enorme sem penar pelas células que nos compõem do jeito que somos. E o que somos pouco interessa. O que os corpos secretam nenhum texto traz. O que vêm são palavras várias, imagens com barulho e silêncio, figuras mais ou menos constituídas, conceitos com diferentes consistências, escolhas sem julgamento algum. Abertura de jorro eterno colhida em concha levada à boca, dando força a tudo que, sem grandes pretensões, num cruzar de vidas se movimenta.